

# No tempo das catástrofes

IN TIME OF CATASTROPHES

Lucas Fortunato

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima.** Cosac & Naify, 2015.

No livro intitulado *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*, Isabelle Stengers propõe uma intervenção no cenário atual para produzir uma reflexão sobre as relações estabelecidas entre o capitalismo, o Estado e as ciências no que se refere a questões sociais, políticas e ecológicas, tendo como ponto de partida a problematização da noção de crescimento econômico. O objetivo do livro é questionar a capacidade do que hoje se chama “desenvolvimento” de responder aos problemas desencadeados pelo “progresso” técnico e econômico, e para isso, é fundamental tentar pensar o que obscuramente insiste: a intrusão de Gaia.

De início, temos a constatação de que o crescimento, sinônimo tanto de desenvolvimento quanto de progresso, se mostrou insustentável, ao contrário do que dizem os defensores do processo de maquinização da Terra. Isso, por si só, já é um sinal indelével de que uma outra história começa. Hoje sabemos que a globalização a que estão submetidos os povos é também a globalização das ameaças que se aproximam e se impõem com a expansão da guerra econômica cuja palavra de ordem é “o crescimento ou a morte”. Tragicamente, o que era considerado intolerável, quase

impensável, está se instalando em nossos hábitos com as feições da barbárie, e o que se perde com isso é a política e a democracia. As perguntas que mobilizam o pensamento de Stengers são do tipo: a inovação como palavra de ordem e dogma econômico tem beneficiado quem? as indústrias? e a responsabilidade ecológica, humanitária, das indústrias e das empresas com relação a seus produtos e suas produções? Por outro lado, a responsabilidade sobre as consequências das práticas de inovações nas ciências e nas técnicas relacionadas com as indústrias e os governos pesa sobre nós e não somente sobre os governantes e os especialistas.

Com efeito, dadas as catástrofes das últimas décadas, a confiança no Progresso, no Estado e na Ciência foi profundamente abalada. Vimos a produção científica agenciada em prol da dominação e a da destruição, o Estado impondo ditaduras, autoritarismos, e funcionando como braço do Capital, enquanto o resultado do desenvolvimento a todo custo continua a causar danos catastróficos à natureza. Por isso, segundo o diagnóstico de Stengers, as respostas aos problemas que enfrentamos não serão fornecidas pelas ciências tão somente, nem se pode esperar do Estado, tal como ele se caracteriza hoje, a resolução de todos os males que acometem a civilização capitalista, pois, claro está, ambos são parte do problema. A questão

fundamental é tão profunda que só podemos pensá-la com propriedade ao questionar a visão de mundo dominante e seus respectivos valores que se sobressaíram sobre todos os demais.

Por outra parte, no horizonte histórico atual nos deparamos com o acontecimento que Stengers nomeia de “intrusão de Gaia” como um novo transcendente com o qual teremos que lidar de forma a tentar assegurar a existência da humanidade. Reconhecer essa intrusão é ao mesmo tempo constatar que não temos escolha, que é premente lutar contra o que nos lança no destino da barbárie, ou seja, contra o domínio do capitalismo e seus avatares estatais, técnicos e científicos que são agenciados a despeito dos efeitos danosos causados à humanidade e à natureza da qual dependemos. Agora mesmo, com a instauração do discurso da “governança” como modelo administrativo hegemônico, já não se trata os problemas sociais e ecológicos na sua dimensão política, pois praticamente tudo é considerado em função dos negócios e dos empreendimentos da megaempresa capitalística que se apropriou do mundo para geri-lo como mera fonte de recursos. Assim, a civilização das máquinas se edificou a altos custos impostos aos povos e à Gaia porque se outorgou o direito à negligência de não ter cuidado, em uma palavra, o direito à irresponsabilidade. E como não tem sabedoria, perpetua sua insanidade.

Por outro lado, as grandes mobilizações populares que vimos nos últimos anos expressam o despertar das capacidades de resistir para pressionar os que se pretendem donos do mundo. Daqui para frente, há muitas coisas a se exigir dos protagonistas que definem hoje o que é possível e o que não é. Doravante, os herdeiros de uma história de lutas contra o

estado de guerra perpétua que o capitalismo faz reinar encontram-se engajados em experimentações que buscam criar, a partir de agora, a possibilidade de um futuro que não seja bárbaro, engajados que estão na criação de um possível. Do que se trata é de buscar e criar uma vida que experimenta conexões com novas potências de agir, sentir, imaginar e pensar. Concretamente, serão fundamentais práticas de luta novas, práticas que não substituem as lutas sociais, mas as articulam com outros modos de resistência, o que implica escolhas de como modificar a maneira de viver, efetivamente e politicamente, reinventando modos de produção que escapem às evidências do crescimento e da competição.